

LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: estratégias para decolonizar a aprendizagem

*Aracilba Aparecida Serafim Rodrigues
Chirley Domingues
Eduardo dos Santos Henrique*

Resumo

O artigo aborda o tema “História e literatura: decolonizando o ensino de história”. Seu objetivo é verificar se, e em que medida, a literatura pode contribuir para decolonizar o ensino de história. Trata-se de pesquisa qualitativa. O método adotado é a revisão integrativa (Souza; Silva; Carvalho, 2010). Foram selecionados 18 estudos, os quais foram analisados em conformidade com a análise temática (Bardin, 2016). O aporte teórico se assentou na teoria decolonial, com ênfase em Mignolo (2003; 2005; 2017), e em leituras que dialogaram com o propósito de decolonizar o ensino de história, destacando-se Monteiro (2017), Monteiro e Piubel (2020), Pesavento (2003), Gomes (2012) e Candido (2011). O *corpus* analisado revelou otimismo quanto à aproximação da literatura com o ensino de história, permitindo concluir que essa aproximação tem potencial positivo para a construção do conhecimento histórico. No entanto, foi identificada a ausência de pesquisas empíricas na maior parte dos trabalhos, assim como a carência de discussões sobre a formação e ampliação da consciência histórica dos educandos. Tais lacunas demandam investigações com o intuito de verificar os limites e/ou as possibilidades de expansão da aprendizagem no ensino de história com o recurso da literatura.

Palavras-chave: ensino de história; literatura; colonialidade; decolonialidade; consciência histórica.

LITERATURE AND HISTORY TEACHING: strategies for decolonizing learning

Abstract

The article addresses the theme “History and literature: decolonizing the teaching of history”. Its objective is to examine whether, and to what extent, literature can contribute to the decolonization of History teaching. This is a qualitative study. The method adopted is the integrative review (Souza; Silva; Carvalho, 2010). A total of 18 studies were selected and analyzed using thematic analysis (Bardin, 2016). The theoretical framework is based on decolonial theory, with an emphasis on Mignolo (2003; 2005; 2017), as well as other readings that engage with the purpose of decolonizing history teaching, particularly Monteiro (2017), Monteiro and Piubel (2020), Pesavento (2003), Gomes (2012), and Candido (2011). The analyzed *corpus* revealed optimism regarding the connection between literature and history teaching, leading to the conclusion that this relationship has a positive potential for historical knowledge construction. However, the absence of empirical research in most studies was noted, as well as a lack of discussions on the formation and expansion of students’ historical consciousness. These gaps highlight the need for further investigations to assess the limits and/or possibilities of expanding learning in history teaching through literature.

Keywords: history teaching; literature; coloniality; decoloniality; historical consciousness.

ENSEÑANZA DE LITERATURA E HISTORIA: estrategias para descolonizar el aprendizaje

Resumen

El artículo aborda el tema “Historia y Literatura: decolonizando la enseñanza de la historia”. Su objetivo es examinar si, y en qué medida, la literatura puede contribuir a la decolonización de la enseñanza de la Historia. Se trata de una investigación cualitativa. El método adoptado es la revisión integradora (Souza, Silva; Carvalho, 2010). Se seleccionaron 18 estudios, los cuales fueron analizados de acuerdo con el método de análisis temático (Bardin, 2016). El marco teórico se basa en la teoría decolonial, con énfasis en Mignolo (2003; 2005; 2017), además de otras lecturas que dialogan con el propósito de decolonizar la enseñanza de la Historia, destacando Monteiro (2017), Monteiro y Piubel (2020), Pesavento (2003), Gomes (2012) y Candido (2011). El *corpus* analizado reveló optimismo sobre la aproximación entre Literatura y enseñanza de la Historia, lo que permite concluir que esta relación tiene un potencial positivo para la construcción del conocimiento histórico. Sin embargo, se identificó la ausencia de investigaciones empíricas en la mayoría de los estudios, así como la falta de debates sobre la formación y ampliación de la conciencia histórica de los estudiantes. Estas brechas requieren mayor investigación para evaluar los límites y/o las posibilidades de expansión del aprendizaje en la enseñanza de la Historia a través de la literatura.

Palabras clave: enseñanza de la historia; literatura; colonialidad; decolonialidad; conciencia histórica.

INTRODUÇÃO

A escola compreende simbolicamente o encontro do *eu* com o *outro*, tendo potencial para nos humanizar quando somos capacitados para o entendimento de soma. Entretanto, devido aos estímulos sociais que são reverberados em seu interior, com uma espécie de cumplicidade da comunidade escolar, a instituição se torna também um ambiente excludente, que separa, que divide. Ainda que pressionadas por movimentos sociais de toda a ordem, as escolas continuam organizando componentes curriculares de forma a exaltar a ciência advinda dos séculos das luzes, clássica inspiração ocidental europeia, numa clara evidência de colonialidade do sistema escolar.

A evolução do ensino de história nos leva a refletir sobre as concepções que estruturam o currículo. O conteúdo histórico ensinado resulta de escolhas que refletem contextos políticos e sociais, transmitindo modelos específicos de comportamento a crianças e jovens (Charlot, 1979). O ensino de história continua, muitas vezes, restrito a uma ensinagem linear, exaltando conhecimentos modernos/coloniais impostos pela classe dominante, invisibilizando e subalternizando outros saberes e culturas e mantendo o componente curricular preso à concepção de “[...] uma ‘matéria decorativa’ por excelência” (Bittencourt, 2008, p. 60).

De acordo com Bloch (2001), a história é uma realidade concreta. Portanto, seu ensino deve refletir e valorizar as diversidades presentes nas salas de aula, incluindo diferentes culturas, crenças, formas de organização e histórias que se entrelaçam e necessitam de reconhecimento. Promover uma história viva que considere todas as pessoas ao longo do tempo nos leva a refletir sobre a necessidade de decolonizar a aprendizagem. A teoria decolonial busca revelar as persistências da colonialidade no ensino de história e propõe estratégias para superá-las. Nesse contexto, articular História e Literatura é uma proposta relevante, pois, conforme Mignolo (2003), a produção literária não é apenas um objeto de estudo estético ou sociológico, mas também uma forma teórica que aborda questões humanas de maneira única.

Embora a teoria literária tenha origens eurocêntricas, os deslocamentos discursivos e narrativos da literatura frequentemente se distanciam do caráter didático, linear e

moderno/colonial presente na educação tradicional. Textos literários costumam oferecer visões de mundo e interpretações históricas ligadas a sujeitos *apagados* pela história dita oficial. Integrar história e literatura é, portanto, essencial para proporcionar perspectivas e conhecimentos diversos, geralmente ausentes nas abordagens tradicionais em sala de aula.

A decolonização do ensino de história é um processo urgente, evidenciado por inúmeros movimentos sociais que buscam visibilidade e pertencimento nos espaços escolares. Em vista disso, operacionalizamos uma investigação qualitativa (Gerhardt; Silveira, 2009), concebida como revisão integrativa (Souza; Silva; Carvalho, 2010), abarcando o tema *História e literatura: decolonizando o ensino de história*. O objetivo principal desta pesquisa é verificar se, e em que medida, a literatura pode contribuir para decolonizar o ensino de história.

Os dados coletados foram examinados à luz da análise temática (Bardin, 2016) e os resultados obtidos apontam positivamente para a aproximação da literatura no ensino de História, defendendo-a como um instrumento facilitador da aprendizagem, capaz de mobilizar emoções e modificar o conhecimento histórico dos educandos. No entanto, ainda há lacunas relacionadas à escassez de pesquisas empíricas, o que dificulta a validação de dados sobre a aplicação prática da integração entre literatura e história em salas de aula da educação básica.

DECOLONIALIDADE: HISTÓRIA, LITERATURA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Período de grandes transformações na Europa, os séculos 15 e 16 assistiram ao processo de expansão das nações europeias além-mar. Um novo mundo, a América e, posteriormente, a África, a Ásia e a Oceania, tiveram seus povos originários dominados, catequizados e subjugados. Forma-se, assim, o sistema mundial moderno/colonial, o qual fez crer a Europa como detentora de produção de verdades tidas como absolutas e universais. Segundo Mignolo (2005), o que a epistemologia desse sistema-mundo fez e continua a fazer é programar nosso cérebro para que olhemos sempre a partir da razão ocidental do conhecimento, concebida pelo autor como a colonialidade do saber.

Nesse sentido, a colonialidade sobrevive ao colonialismo, visto que, para Maldonado-Torres (2007), ela é mantida viva nos materiais didáticos, nos critérios que avaliam trabalhos acadêmicos, na cultura, no bom senso, na autoimagem das pessoas, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos da nossa sociedade. Dessa forma, desencadeia-se a colonialidade do ser, ou seja, a subjugação do que é concebido como *outro*, ou seja, o não branco, não homem, não burguês, não cristão, não heterossexual etc.

A persistência da colonialidade nos sistemas educacionais revela que, embora o domínio europeu sobre nossas terras tenha cessado, sua influência ainda molda nossos pensamentos. Padrões culturais eurocêntricos continuam a influenciar comportamentos e percepções, estabelecendo critérios baseados em cor/raça, gênero, classe e sexualidade. Nesse sentido, decolonizar nossos currículos significa criar condições para a valorização de histórias outras. Decolonialidade, como aponta Mignolo (2017, p. 30), “[...] requer desobediência epistêmica [...]”. Trata-se de um projeto político e acadêmico que tem por prioridade trazer à luz, à esfera do visível, os corpos e as vozes silenciados em nossa história política, econômica e sociocultural.

A teoria decolonial permite pensarmos em diversificações metodológicas para a sala de aula, que visem à valorização de histórias e saberes não contemplados em currículos oficiais, institucionalizados. Nesse sentido, aproximar a literatura do ensino de História é uma possibilidade, pois como afirma Pesavento (2003), tanto a história quanto a literatura realizam, através de suas narrativas, a configuração de um determinado tempo.

Enquanto a história evoca uma narrativa daquilo que aconteceu, a literatura faz pensar sobre o que poderia ter acontecido. “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram” (Sevcenko, 1983, p. 22). Dessa forma, autores(as) delineiam percepções únicas do lugar da literatura na formação dos sujeitos históricos.

A integração entre literatura e ensino de história pode estimular o despertar da consciência histórica, conforme Rüsen (2007), que a define não apenas como conhecimento do passado, mas como uma ferramenta para compreender o presente e projetar o futuro de forma alinhada às realidades e racionalidades. Esse despertar possibilita ao estudante a transição de uma consciência tradicional, que aceita o presente tal como o passado, para uma consciência crítica, capaz de questionar ambos. Essa mudança configura o que Lee (2016, p. 129) chama de conhecimento histórico, ressaltando que passado e presente são interligados, pois “[...] algumas questões sobre o presente só podem ser pensadas se tivermos respostas do passado como referências”. Nessa perspectiva, o passado permanece próximo, influenciando nossa percepção e transformando nossa visão de mundo e de nós mesmos.

LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA: DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA REVISÃO INTEGRATIVA

A revisão integrativa permite analisar criticamente os resultados de estudos realizados por diferentes autores, identificando questões que demandem maior aprofundamento. Para Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103), trata-se da “[...]mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado”. Diante disso, esta pesquisa foi conduzida levando-se em consideração as seguintes etapas: 1) elaboração da pergunta norteadora; 2) levantamento de estudos na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) discussão dos resultados e 6) apresentação da revisão integrativa (Souza; Silva. Carvalho, 2010).

Formulamos a seguinte questão norteadora: o que as produções acadêmicas brasileiras dizem sobre o uso da literatura como ferramenta do ensino de história na educação básica? Ela foi elaborada a partir do acrônimo PICO (Santos; Pimenta; Nobre, 2007), sendo os termos facilitadores da formulação da questão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Elementos do acrônimo PICO para extração dos termos

Acrônimo	Definição	Termos
P	População	Produções acadêmicas brasileiras
I	Intervenção ou exposição	Ensino de História
C	Controle ou comparador	Literatura
O	Desfecho	Decolonizar o ensino de História na Educação Básica

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

Realizamos o levantamento nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital

Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Biblioteca Eletrônica Científica *Online* (SciELO) e Biblioteca Eletrônica Científica *Online* em Educação (SciELO Educ@). A escolha por essas plataformas se justifica por integrarem diversos repositórios, proporcionando acesso a uma ampla variedade de publicações científicas. Isso pode garantir abrangência e qualidade dos estudos incluídos na revisão. A organização das buscas deu-se por meio da combinação de descritores e operadores booleanos. Utilizamos a fórmula (“Ensino de história” AND literatura) em todas as bases, resultando em 311 documentos, apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Processo de busca e os achados nas bases

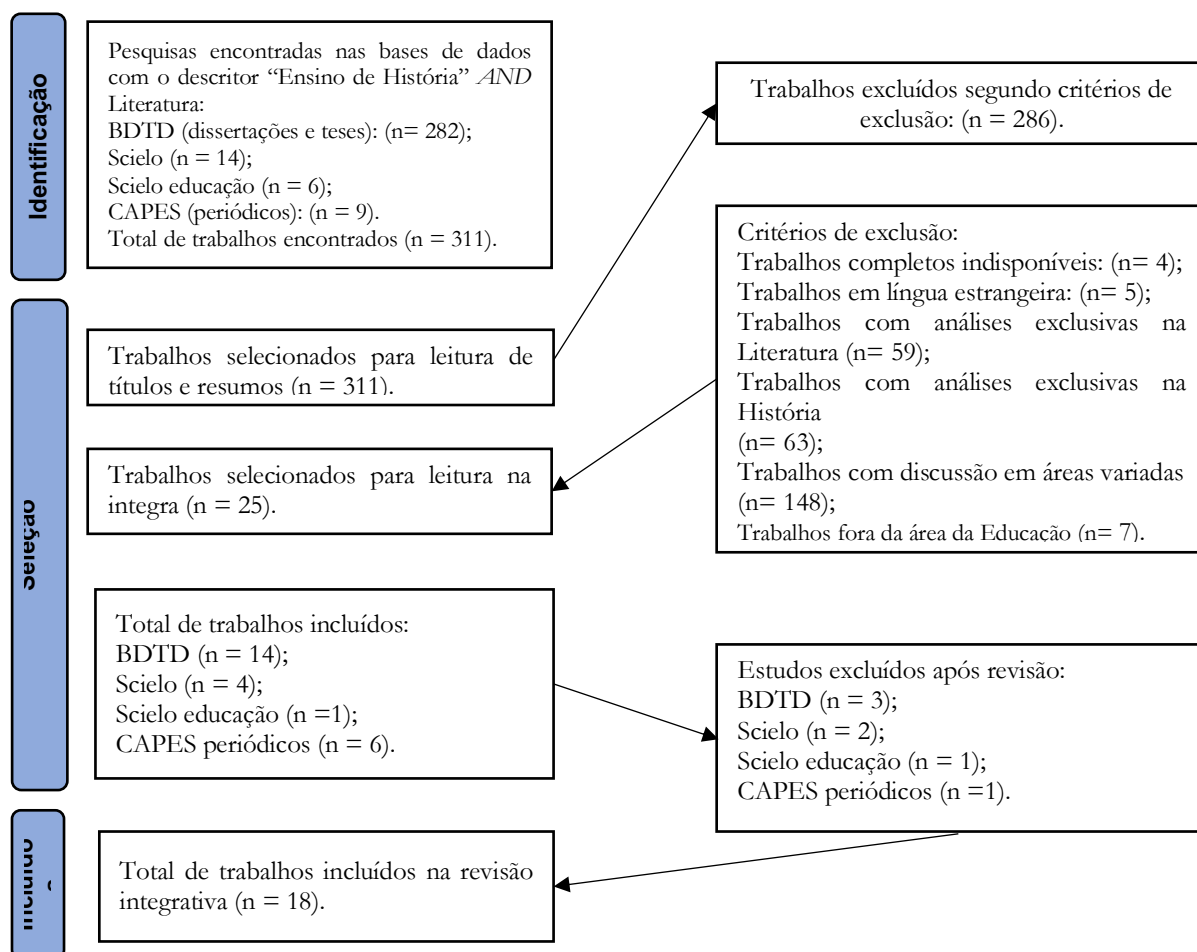
Descritores	Operadores booleanos	Bases de dados	Achados
Ensino de história e literatura	“Ensino de história” AND “literatura”	CAPES	9
		BDTD	282
		SciELO	14
		SciELO Educ@	6

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

Foram incluídas na análise as publicações que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: 1) todos os artigos, teses e dissertações em português; 2) que apresentassem texto completo e gratuito; 3) estudos que contemplassem a educação básica e 4) pesquisas que apresentassem discussão sobre o uso da literatura no ensino de história. Estabelecemos como critérios de exclusão: 1) trabalhos em língua estrangeira; 2) que não estivessem disponíveis na íntegra para leitura gratuita; 3) que não discutiam a perspectiva da educação básica; 4) que não apresentassem discussões sobre o uso da literatura para o ensino de História; 5) que se repetissem entre as bases de dados e 6) pesquisas de revisão integrativa.

Os critérios foram aplicados mediante a leitura dos títulos e resumos das 311 produções encontradas. Dessa forma, foram pré-selecionados 25 estudos para a leitura na íntegra: 6 da CAPES; 14 da BDTD; 4 trabalhos da SciELO e 1 da SciELO Educ@. Após a leitura integral desses estudos, concordou-se com a exclusão de 7 deles, pois, embora indicassem contemplar o uso da literatura para o ensino de história, verificamos que: 1 estudo abordava educação indígena; 2 pesquisas tratavam de observações da literatura em livros didáticos; 2 trabalhos apontavam estudos sobre o uso de linguagens variadas no ensino de história; 1 investigação se referia exclusivamente ao ensino de História e 1 dissertação apresentava formato de romance, não contemplando, portanto, nosso objeto de pesquisa. Assim, 18 publicações constituem o *corpus* desta revisão integrativa. A Figura 1 ilustra esse processo.

Figura 1 - Fluxograma Prisma (2020) dos trabalhos excluídos e incluídos na Revisão Integrativa



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

Os estudos incluídos são apresentados na Tabela 3, que reúne dados referentes à ordem, título, autoria, base de dados em que foram achados, nome das universidades (no caso das teses e dissertações) e títulos das revistas (no caso de artigos) nas quais estão depositados e/ou publicados e ano de publicação.

Tabela 3 - Trabalhos incluídos na Revisão Integrativa

Ord.	Título	Autoria	Base de dados	Universidade e/ou revista	Ano
1	A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil	Dislane Zerbinatti Moraes	SciELO	História	2004
2	Entre fatos e artefatos: literatura e ensino de história nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007)	Ademar Firmino dos Santos	BDTD/ Dissert.	Universidade Estadual de Londrina	2009

3	A literatura africana como pedagogia libertadora na prática do ensino de história	Júlio César Virgínio Costa	CAPES/ periódicos	Educação Unisinos	2013
4	Literatura e ensino de história: construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais	Leandra Rajczuk Martins	BDTD/ Tese	Universidade de São Paulo	2015
5	Ensino de história, cotidiano e literatura: escravidão e paternalismo em contos de Machado de Assis	Raul Costa de Carvalho	BDTD/ Dissert.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2016
6	Educação das relações étnico-raciais, ensino de história da África e literatura africana: o Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté bâ, nos anos finais do ensino fundamental	Anelice Bernardes	BDTD/ Dissert.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2019
7	Um olhar sobre o outro: estimulando a empatia por meio de contos no ensino de História	Kátia Patrícia Santos Seixas	BDTD/ Dissert.	Universidade Federal de Sergipe	2020
8	Práticas afrorreligiosas, literatura e ensino de história: por uma educação decolonial	Vanda Fortuna Serafim; Laís Azevedo Fialho	CAPES/ Periódicos	Teias	2020
9	Ensino de história e literatura: a imigração judaica nas obras de Moacyr Scliar	Paulo Marcelo Francescato Júnior	BDTD/ Dissert.	Universidade de Caxias do Sul	2020
10	Literatura e violência no ensino de história: uma breve análise das escritas de Carolina Maria de Jesus e Scholastique Mukasonga	Adriana Gomes Ferreira	CAPES/ Periódicos	Em tempo de Histórias	2021
11	"Querido diário..." A construção do conhecimento histórico por meio dos quadrinhos de Anne Frank	Bruna Mozini Subtil; Miriã Lúcia Luiz	CAPES/ Periódicos	Educação em questão	2021
12	Tessitura e subsídios de um produto literário infantojuvenil para o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira	Thiago Leandro da Silva Dias; Rogério Santos Souza	SciELO	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	2021

13	Pelos caminhos de Clara dos Anjos: cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto.	Barbara Cristina Soares Pessanha Araripe	BDTD/ Dissert.	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2021
14	O caminho de casa: ensinar história com a literatura e educar-se nas relações étnico-raciais	Mariana Jucá de Mello Cardozo	BDTD/ Dissert.	Universidade Federal de Santa Catarina	2021
15	Liberdade ainda que tardia - a inserção da literatura juvenil como possibilidade de ressignificar o ensino de história: relações entre a obra “A viagem proibida: Nas trilhas do ouro” (2013), de Mary Del Priore, e o livro didático “História, sociedade & cidadania” (2018), de Alfredo Boulos Junior.	Fernanda Sacomori Candido Pedro; Douglas Rafael Facchinello; Margarida da Silveira Corsi	CAPES/ periódicos	Entreletras	2021
16	Machado de Assis como possibilidade pedagógica para uma educação antirracista no ensino de história	Marcus Vinícius da Rocha Ribeiro	BDTD/ Dissert.	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	2022
17	Traçados poéticos e ensino de história: tecendo espaços a partir dos versos de Castro Alves	Lisandra Chaves Zen Borges	BDTD/ Dissert.	Universidade de Caxias do Sul	2022
18	Pontes entre a literatura e o ensino de história: o romance Shaira e a Saudade	Jussara Correia da Silva Simões	BDTD/ Dissert.	Universidade Federal de Sergipe	2022

Fonte: Elaborada pelas autoras pelo autor, 2025.

As pesquisas analisadas trazem apontamentos sobre o uso da literatura no ensino de história. De modo geral, os pesquisadores utilizaram textos literários de gêneros diversos nas aulas de história, procurando trazer à discussão questões sociais relevantes e atuais, como gênero, raça e sexualidade, e concordam que a aproximação entre história e literatura tem potencial para sensibilizar, estimular a empatia e despertar a consciência histórica dos educandos.

Uma vez executada a pré-análise, passamos à fase de exploração do material seguindo as regras da objetividade, exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2016). A codificação dos dados brutos, bem como a obtenção dos dados de registros¹, levou em consideração, além da pergunta norteadora, duas questões auxiliares: 1) como desenvolver o gosto dos alunos pelo ensino de história? e 2) como a história, enquanto componente curricular, pode se aproximar das realidades que circundam os ambientes escolares? A síntese desse processo originou três categorias de análise, apresentadas na Tabela 4.

¹ Neste artigo, expomos um percentual das unidades de registros que serviram à elaboração das categorias finais.

Tabela 4 - Unidades de registros e categorias finais

Análise temática de Bardin (2016)	
Unidades de registros	Categorias
<ol style="list-style-type: none"> 1. “[...] a literatura [...] é ferramenta essencial de compreensão da realidade histórica” (Moraes, 2004, p. 105). “A utilização da literatura torna-se uma das maneiras mais atraentes para se desenvolver o conhecimento histórico dos alunos” (Santos, 2009, p. 27). 2. “[...] é possível identificar e vislumbrar que a literatura descortina uma gama de alternativas, juntamente com a história, para outra leitura do mundo, pelo mundo e no mundo” (Costa 2013, p. 127). 3. “Esta pesquisa teve como objetivo a compreensão das formas pelas quais o uso da literatura nas aulas de história pode ou não interferir na construção do conhecimento histórico dos alunos” (Martins, 2015, p7). 4. “Ao articular a ficção com outros documentos, tal proposta permite ao estudante compreender como se dá a construção do conhecimento histórico” (Carvalho, 2016, p. 45). 5. “A literatura e a história são áreas de proximidades, o que pode fazer com que o estudo de história se torne mais interessante e mais próximo dos alunos” (Bernardes, 2019, p. 16). 6. “Com a utilização da literatura [...] o professor pode levar os alunos a se imaginarem no lugar das personagens, a se identificar com a história narrada [...]” (Seixas, 2020, p. 52). 7. “A literatura pode ser um potente instrumento pedagógico ao se aproximar da experiência vivida por meio dos fatos imaginários” (Ferreira, 2021, p. 423). 8. “Trazer o uso de fontes históricas literárias para o ensino proporciona aos alunos uma produção de conhecimento autônoma, crítica e participativa” (Ribeiro, 2022, p. 51). 	Literatura e conhecimento histórico
<ol style="list-style-type: none"> 1. “A leitura do poema <i>A revelação</i> pode ser mote para trânsitos temporais e simbólicos entre África e Brasil” (Costa, 2013, p. 141). 2. “Ao trabalhar com textos de um escritor africano, nós estamos mostrando a África a partir dos africanos”; “Ao colocar a literatura africana não ficcional [...] tento demonstrar que existem outros tipos de literaturas africanas que podem ser trabalhadas com nossos alunos” (Bernardes, 2019, p. 81). “[...] abordar a história dos orixás, por meio da literatura” (Serafim; Fialho, 2020, p. 208). 3. “A complementaridade das relações entre história e literatura no ensino escolar mostra-se coerente, inclusive com as possibilidades interdisciplinares sugeridas pela lei 10.639/03 [...]” (Ferreira, 2021, p. 418). 4. “[...] desconstruindo o ‘mito da democracia racial’, constituindo-se enquanto uma estratégia de atuação no combate e desestruturação do racismo” (Ribeiro, 2022, p. 42). 5. “[...] o romance Shaira e a saudade é inserido para problematizar relações étnico raciais [...]” (Simões, 2022, p. 56). 	Relações étnico-raciais
<ol style="list-style-type: none"> 1. “O estudo da literatura [...] deve traduzir [...] mais um anseio de mudança do que os mecanismos de permanência” (Moraes, 2004, p. 87); “A literatura pode ser instrumento que resulte em promoção de uma pedagogia libertadora” (Costa, 2013, p. 138). 	Decolonialidade

2. “Os portugueses são pós-descobridores porque os índios já moravam aqui no Brasil, então quem descobriu o Brasil” (Martins, 2015, p. 232).	
3. “O ensino de história comprometido com uma educação decolonial possibilita a compreensão da historicidade das lógicas coloniais postas [...]” (Serafim; Fialho, 2020, p. 208).	
4. Romper com a perspectiva monocultural e eurocêntrica, e foi justamente a literatura que abriu a possibilidade de criar situações de ensino de história que superassem essa perspectiva histórica (Cardozo, 2021).	

Fonte: Elaborada pelas autoras, 2025.

As unidades de registros são reflexo da análise minuciosa dos textos. Essa organização possibilita verificar o que cada trabalho tem em comum e, a partir desses dados, categorizá-los. Como afirma Bardin (2016, p. 75), “[...] a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”. A seguir, apresentamos os resultados e a discussão da revisão integrativa, a partir das categorias *literatura e conhecimento histórico*, *relações étnico-raciais* e *decolonialidade*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto de 18 pesquisas analisado tem em comum a percepção da necessidade de trazer para as salas de aula uma história viva, com possibilidade de ressignificar a compreensão histórica dos alunos. Não se trata, portanto, de introduzir textos literários em sala de aula como simples apêndices das aulas de história, mas sim, de perceber e ressignificar a realidade apresentada pelo historiador ou pelo literato. Mais que isso, os trabalhos apresentados parecem confluir no entendimento de que a aproximação da literatura com ensino de história pode oportunizar uma melhor compreensão de mundo, contribuindo para o aprendizado.

Nas salas de aula, o ensino da história dita universal ainda permanece invisibilizando e calando inúmeros povos num processo contínuo de colonialidade do saber que fez assujeitar os corpos na crença de uma história única (Adichie, 2019).

Para Mignolo (2003, p. 282), “a História, com H maiúsculo, é uma totalidade que exclui outras histórias que não se acomodam dentro do Ocidente” e, embora cursos de extensão e especialização na construção do conhecimento em história tenham avançado pelo país, o resultado nas salas de aula continua pífio (Monteiro, 2017). Reflexo disso pode ser verificado em pesquisas que constatarem um ensino de história assentado numa concepção burguesa, branca, masculina, heterossexual, cristã e europeia que pouco se integra à realidade da maioria dos educandos. Inclusive, essas posições destoam dos documentos norteadores oficiais que preconizam um aprendizado de realidades diversas e múltiplas dimensões (Brasil, 1997).

Segundo Rüsen (2007), a história deve somar às humanidades. Nesse sentido, como componente curricular, deve desenvolver a consciência histórica, possibilitando, por conseguinte, a cooperação entre pessoas e nações. Assim, o conhecimento histórico não é algo inerte, uma vez que gera transformações do indivíduo e desse com o seu meio.

A categoria *literatura e conhecimento histórico* engloba os 18 estudos e revela a literatura como uma dimensão essencial para compreender a realidade histórica. Segundo os autores pesquisados, ela não apenas media o conhecimento histórico escolar, mas também promove uma leitura diversificada do mundo e do passado. Nesse sentido, as pesquisas de Santos (2009), Seixas (2020), Borges (2022), Franciscato Júnior (2020), Subtil e Luíz (2021) e Pedro, Facchinello e Corsi (2021)

apresentam em comum a observação para a necessidade de interpretação das realidades sociais que vicejam nos espaços escolares. Essas pesquisas trouxeram textos de autores clássicos como Lima Barreto e Machado de Assis, bem como textos e autores que não estão entre os cânones literários, mas, tais como os primeiros, demonstram potência quando trabalhados no ensino de História, pois proporcionam a ressignificação do passado, descortinando histórias vivas há muito negadas pela história oficial que, segundo Monteiro e Piubel (2020, p. 156) “[...] apaga, violenta e desqualifica sujeitos, memórias, saberes [...]”.

Abordagens de temas antes deliberadamente silenciados e negados são atualmente palco de disputas que têm movimentado as escolas e os professores. Monteiro e Piubel (2020, p. 156) explicam que “[...] temas sensíveis ou controversos são questões que se relacionam com a violência física e/ou simbólica sofrida por grupos historicamente marginalizados [...]”. Constatamos a veracidade da premissa ao analisarmos a categoria *relações étnico-raciais*, revelada em 10 trabalhos, dos quais Carvalho (2016), Bernardes (2019), Ferreira (2021), Dias e Souza (2021), Ribeiro (2022) e Simões (2022) concordam que é imperioso qualificar a prática educativa voltada para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, a fim de mobilizar ações anunciativas da presença e participação dos africanos e afrodescendentes na formação da sociedade brasileira.

Os pesquisadores aludem à viabilidade do uso de crônicas, contos e poemas que tragam essas temáticas, a fim de revelar os conhecimentos deixados à margem do sistema mundial moderno/colonial. É indispensável, portanto, que passemos a pensar o ensino de História como uma oportunidade de experiência, superando a história engessada em teorias que pouco representam o sujeito comum e seu cotidiano. As conclusões dos pesquisadores apontaram textos literários que aludem à temática africana ou afro-brasileira e que contribuíram para o ensino de história, mobilizando empatia, ressignificando conhecimentos e possibilitando ao aluno compreender-se num processo dinâmico do qual ele mesmo é sujeito ativo.

Repensar o ensino de história tornou-se tarefa urgente, a julgar que as últimas décadas têm presenciado o alargamento do direito à educação. Grupos que por séculos foram mantidos longe dos bancos escolares chegam às escolas com seus corpos, seus conhecimentos e visões de mundo que destoam do currículo oficial. Nas salas de aula, segundo Gomes (2012, p. 99), “[...] questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias”.

Assim, entendemos que a colonização europeia não se apropriou apenas de terras e racializou corpos, mas também organizou a concepção do saber. Nossa educação é norteadas por essas concepções. Essa constatação é imperiosa para que se possa colocar em prática um currículo decolonizado. As pesquisas de Moraes (2004), Costa (2013), Martins (2015), Serafim e Fialho (2020), Araripe (2021) e Cardozo (2021), agrupadas na categoria *decolonialidade*, resultante de 9 trabalhos, aludem sobre a premência de se refletir o ensino de História dotando-o de um tempo presente que, indiscriminadamente, contemple os múltiplos sujeitos no espaço escolar. Em suas observações, apontaram o uso de textos literários que ajudem a dar visibilidade a povos e conhecimentos apagados pela história.

Nesse sentido, levando em consideração que “[...] a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva de quem aprende” (Moreira; Masini, 2006, p. 7), o ensino de história deve voltar-se para os conhecimentos prévios dos alunos a fim de assegurar a incorporação de saberes que mobilizem instrumentos de libertação e resistência. Para tal composição de aprendizagem, é essencial pensar o ensino de história para além do império de Clio (Moniot, 1988), que deixa à margem uma infinidade de povos que passaram a sujeitos de segunda ordem, e propor novas formas de ver o mundo e de ver outros mundos.

As pesquisas analisadas nesta revisão integrativa dirigem-se ao emprego da literatura no ensino de história, defendendo-a enquanto um documento histórico e importante material de apoio capaz de mobilizar emoções, modificar a consciência histórica e o conhecimento histórico dos educandos.

Em vista disso, a aproximação do ensino de história à literatura oportuniza ao educando um encontro com o passado guiado por sua sensibilidade. A obra literária aguça a curiosidade e a imaginação, fazendo indagar-se sobre o não anunciado, o não visível, o não citado. Nesse exercício, a literatura contribui para estimular a alteridade ao colocar o educando em contato com outros grupos sociais e situações, além de capacitá-lo para a construção do conhecimento histórico. Ainda que, tal como a história, a literatura seja filha da modernidade europeia, “[...] as ciências da ideologia sempre tiveram tão pouco domínio sobre ela” (Barthes, 1980, p. 8), por isso mesmo, mais fluida, capaz de enunciar inúmeras realidades e fazer falar os emudecidos pela história.

Se “[...] a história enquanto disciplina é a história europeia [...]” (Mignolo, 2005, p. 334), é necessário ir além da narrativa histórica para derrubarmos o muro que invisibiliza histórias outras. Acreditamos, tal como os pesquisadores que serviram de aporte para esta pesquisa, que os textos literários são facilitadores de aprendizado no ensino de História, por serem capazes de ampliar nossa visão sobre o passado, possibilitando a decolonização de nossos saberes, de nossas mentes e corpos. A literatura, nas palavras de Antônio Candido (2011, p. 20), “[...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. E, nesse fazer viver, permite que nos encontremos com outras vidas, desalienando nosso olhar e descortinando outras histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As 18 pesquisas analisadas nesta revisão integrativa corroboram a nossa percepção sobre os benefícios da aproximação entre literatura e ensino de história. Os pesquisadores utilizaram diversos gêneros literários, associando-os às transformações sociais e identificando lacunas no ensino de história. Eles propuseram projetos para dar visibilidade aos subalternizados por meio de textos literários. No entanto, algumas propostas acabaram reproduzindo narrativas dominantes ao utilizar a literatura sem uma reflexão prévia acerca dos textos e contextos. Vale destacar que apenas 4 das 18 pesquisas apresentam resultados empíricos. As demais, embora promissoras, precisam ser avaliadas em sala de aula, onde o conhecimento se concretiza.

Diante disso, acreditamos que os estudos analisados e interpretados contribuem para a decolonização do ensino de história, mostrando como a literatura pode amplificar vozes silenciadas pela história dita oficial. Ressaltamos, entretanto, a necessidade de mais pesquisas empíricas para verificar os limites e as possibilidades do aprendizado no ensino de História utilizando a literatura.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- ARARIPE, Barbara Cristina Soares Pessanha. *Pelos caminhos de Clara dos Anjos: cartografia histórica e literária nos subúrbios de Lima Barreto*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.57826>. Acesso em 24 mar. 2025.

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- BERNARDES, Anelice. *Educação das relações étnico-raciais, ensino de história da África e literatura africana: o Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté bâ, nos anos finais do Ensino Fundamental*. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/199518>. Acesso em 24 mar. 2025.
- BITTENCOURT, Maria Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, Lisandra Chaves Zen. *Traçados poéticos e ensino de história: tecendo espaços a partir dos versos de Castro Alves*. 162 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Caxias do Sul, Vacaria, 2022. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/11336>. Acesso em 24 mar. 2025.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CANDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CARDOZO, Mariana Jucá de Mello. *O caminho de casa: ensinar história com a literatura e educar-se nas relações étnico-raciais*. 93 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642316>. Acesso em 24 mar. 2025.
- CARVALHO, Raul Costa de. *Ensino de história, cotidiano e literatura: escravidão e paternalismo em contos de Machado de Assis*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156461>. Acesso em 24 mar. 2025.
- CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COSTA, Júlio César Virgínio. A literatura africana como pedagogia libertadora na prática do ensino de História. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 17, n. 02, p. 137-144, ago. 2013. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-62102013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24 mar. 2025.
- DIAS, Thiago Leandro da Silva; SOUZA, Rogério Santos. Tessitura e subsídios de um produto literário infantojuvenil para o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 102, n. 261, p. 376-397, maio/ago. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102i261.4260>. Acesso em 24 mar. 2025.
- FERREIRA, Adriana Gomes. Literatura e violência no ensino de História: uma breve análise das escritas de Carolina Maria de Jesus e Scholastique Mukasonga. *Em Tempo de Histórias*, Brasília, v. 1, n. 39, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i39.39625>. Acesso em 24 mar. 2025.
- FRANCESCATO JÚNIOR, Paulo Marcelo. *Ensino de história e literatura: a imigração judaica nas obras de Moacyr Scliar*. 108 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6674>. Acesso em 24 mar. 2025.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, p. 107-146, 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana Instituto Pensar, 2007.

MARTINS, Leandra. Rajczuk. *Literatura e ensino de História: construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais*. 582 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09032016-102933/>. Acesso em 24 mar. 2025.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgar (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 33-49.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, 2017.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria. *Ensinar História com Literatura Infantil: narrativas de autoras brasileiras e suas contribuições ao ensino de história da mulher e dos negros*. 147 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PIUBEL, Thays Merolla. Produções curriculares no ensino de História: desafios do “contemporâneo”. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 148-161, out. 2020. Disponível em <https://doi.org/10.12957/teias.2020.53989>. Acesso em 24 mar. 2025.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (orgs.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MORAES, Dislane Zerbinatti. A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil. *História*, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 85-107, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-90742004000200006>. Acesso em 24 mar. 2025.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie Sazano. *Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel*. São Paulo: Centauro, 2006.

PEDRO, Fernanda Sacomori Candido; FACCHINELLO, Douglas Rafael; CORSI, Margarida da Silveira. Liberdade ainda que tardia - a inserção da literatura juvenil como possibilidade de ressignificar o ensino de história: relações entre a obra “A viagem proibida: Nas trilhas do ouro” (2013), de Mary Del Priore, e o livro didático “História, sociedade & cidadania” (2018), de Alfredo Boullos Junior. *EntreLetras*, Araguaína, v. 12, n. 3, p. 153-171, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p153-171>. Acesso em 24 mar. 2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *História da Educação*, Pelotas, p. 31-45, set. 2003.

RIBEIRO, Marcus Vinícius da Rocha. *Machado de Assis como possibilidade pedagógica para uma educação antirracista no ensino de história*. 204 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022. Disponível em <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/19310>. Acesso em 24 mar. 2025.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora UnB, 2007.

SANTOS, Ademir Firmino dos. *Entre fatos e artefatos: literatura e ensino de História nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007)*. 149 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

SEIXAS, Kátia Patrícia Santos. *Um olhar sobre o outro: estimulando a empatia por meio de contos no ensino de História*. 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal de Sergipe, 2020. Disponível em <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13953>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SERAFIM, Vanda Fortuna; FIALHO, Laís Azevedo. Práticas afroreligiosas, literatura e ensino de História: por uma educação decolonial. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 64, p. 206-225, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.51424>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIMÕES, Jussara Correia da Silva. *Pontes entre a literatura e o ensino de história: o romance Shaira e a saudade*. 2022. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17327?mode=full>. Acesso em 21 ago. 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SUBTIL, Bruna Mozini; LUIZ, Miriã Lúcia. "Querido diário..." A construção do conhecimento histórico por meio dos quadrinhos de Anne Frank. *Revista Educação em Questão*, [S. l.], v. 59, n. 60, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/25254>. Acesso em 21 ago. 2025.

Submetido em junho de 2024
Aprovado em maio de 2025

Informações das autoras

Aracilba Aparecida Serafim Rodrigues
Universidade do Sul de Santa Catarina
E-mail: ararodrigues2000@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5014-6310>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9563210833297219>

Chirley Domingues
Universidade do Sul de Santa Catarina
E-mail: chirley.domingues@yahoo.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7416-0977>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2756619384580846>

Eduardo dos Santos Henrique
Universidade do Sul de Santa Catarina
E-mail: eduhenrique1402@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8691-5951>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4445210408360157>